Globethics Repository



Uma análise de joão 17:3 sob a perspectiva histórica e bíblica de Jesus como Deus [An analysis john 17: 3 in the historical and Biblical perspective of Jesus as God]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Longo, Célio José
Publisher	Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp)
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-11-26 11:09:15
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/228970

Ano 4 - Número 1 - 1º. Semestre de 2008
www.unasp.edu.br/kerygma

Trabalho de Conclusão de Curso 2007

Célio José Longo
Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP
TCC apresentado em dezembro de 2007
Orientador: Ruben Aguilar, Ms.
celio.longo@usb.org.br

UMA ANÁLISE DE JOÃO 17:3 SOB A PERSPECTIVA HISTÓRICA E BÍBLICA DE JESUS COMO DEUS

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo chamar atenção de estudiosos, pastores, alunos e membros de igreja para a importância da análise da divindade de Jesus Cristo como Deus igual ao Pai, tanto no livro de João como na Cristologia em todo o Novo Testamento. Esta análise é fruto de uma crescente necessidade de estudos analíticos acerca da subordinação funcional de Cristo e sua importância no contexto da vida cristã. As definições apresentadas estão baseadas nos estudos da história da igreja cristã primitiva, no pensamento dos pais da igreja e suas pressuposições a cerca da Divindade de Cristo.

Palavras-chave: Jesus; Cristo; Divindade; Evangelho de João; Arianismo; Gnosticismo.

AN ANALYSIS OF JOHN 17:3 FROM THE HISTORICAL AND BIBLICAL PERSPECTIVES OF JESUS AS GOD.

Abstract: The present study has as a goal to call the attention of researchers, pastors, students and members of the Church to the importance of the analysis of the Divinity of Jesus Christ as God in equal standing with the Father, both in the Gospel of John as well as in the Christology of the entire New Testament. The present analysis is a result of the growing need of analytical studies concerning the functional subordination of Christ and its relevance for Christian life. The definitions, here presented, are based on historical studies of the Early Church, of the thought of Church Fathers and their presuppositions concerning the Divinity of Christ.

Keywords: Jesus; Christ; Divinity; Gospel of John; Arianism; Gnosticism.

CENTRO UNIVERSITÁRIO ADVENTISTA DE SÃO PAULO
FACULDADE ADVENTISTA DE TEOLOGIA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

UMA ANALISE DE JOÃO 17:3 SOB A PERSPECTIVA HISTÓRICA E BÍBLICA DE JESUS COMO DEUS

CÉLIO JOSÉ LONGO

Engenheiro Coelho – SP
2007

CÉLIO JOSÉ LONGO

UMA ANALISE DE JOÃO 17:3 SOB A PERSPECTIVA HISTÓRICA E BÍBLICA DE JESUS COMO DEUS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Teologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo, como requisito parcial à obtenção da graduação de bacharel em Teologia sob a orientação do Dr. Ruben Aguilar

Engenheiro Coelho – SP
2007

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em 12 de dezembro de 2007, pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. Ruben Aguilar - orientador

Prof. Dr. Rodrigo Pereira Silva - Leitor

Prof. Dr. Amim Americo Rodor – Diretor FAT

AGRADECIMENTOS

Agradeço:

A Deus, pela iluminação e por ser fonte de sabedoria. Principalmente por ser o maior incentivador deste estudo, estando comigo a cada dia, cada vez que me colocava em frente do computador para escrever e, pelas impressões contínuas. Muito obrigado Senhor!

Aos professores desta Instituição, que com muita presteza e carinho foram verdadeiras testemunhas do ensino verdadeiro e cristão.

Ao professor Ruben Aguilar, que sempre esteve disposto a mostrar o caminho exato a percorrer para a realização desta análise, esclarecendo dúvidas e orientando sempre que possível.

Aos queridos amigos, que desde o início também acreditaram neste estudo, que ajudavam com suas idéias e que oraram para que este projeto fosse concluído com sucesso.

E a todos aqueles que entrarão em contato com este trabalho e, que acreditam na importância do mesmo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....07

CAPÍTULOS

1. REFERENCIAL TEÓRICO- HISTÓRICO DA DIVINDADE DE CRISTO.....09

1.1. Filosofia Grega.....09

1.2. Filo de Alexandria.....10

1.3. A influência externa sofrida no pensamento cristão.....11

1.3.1. Clemente de Alexandria.....12

1.3.2. Orígenes.....13

1.4. O arianismo.....14

1.4.1. A máxima de Ário.....15

1.4.2 Atanásio.....16

1.4.3. Pensamentos modernos.....18

2. ANALISES DA DIVINDADE DE CRISTO EM JOÃO 17:3.....20

2.1. O livro de João.....20

2.1.1. A teologia do livro.....21

2.2. João 17.....21

2.2.1. Dzoé aionios (vida eterna).....22

2.2.2. Ginoskosin (conheçam).....22

2.2.3. Monon aletheinon (único verdadeiro).....23

2.2.4. Pempo e apostello (enviar).....24

2.3. João 17:3.....25

3. CONEXÃO DOS ATRIBUTOS DE DEUS EM CRISTO.....26

3.1. Principio da Análise: Classificação dos Atributos.....26
3.2. Qualificação dos Atributos em Cristo.....26
3.3. João 1:1.....28
3.3.1. João 8:58.....28

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....30

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....31

INTRODUÇÃO

"Outro erro perigoso é a doutrina que nega a divindade de Cristo, pretendendo que Ele não tivera existência antes de Seu advento a este mundo... Não pode ser entretida sem a mais injustificada violência às Escrituras." (Ellen White- GC)

DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

Dentre as doutrinas Cristológicas mais controvertidas existentes atualmente, encontra-se o não reconhecimento da divindade de Cristo. Há os que alegam que Jesus Cristo é um "deus menor" (gerado) e, que o mesmo exclui-se da plena Divindade com o pai. Logo, a salvação não encontra méritos em Cristo e sim no conhecimento do pai (Deus).

Esta posição encontra base de sustentação no texto: "E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e Jesus Cristo, a quem enviaste[1]".

A simples leitura desse texto produz algumas interrogações: Cristo realmente exclui-se da Divindade? Seria Cristo gerado de Deus e, portanto subordinado a vontade do Pai como um deus menor? Qual o significado das palavras "vida eterna", "conhecer", "único Deus" e a expressão "a quem enviaste"?

O presente estudo pretende averiguar através da história o surgimento do conceito de Jesus Cristo como sendo "um deus inferior"; analisar o argumento bíblico usado para negar a sua plena divindade em João 17:3, bem como o significado de suas palavras em sua oração sacerdotal e enfatizar sua divindade e sua relação com os atributos comunicáveis e incomunicáveis do Pai.

OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho é confirmar a doutrina da plena Divindade de Cristo tanto na história eclesiástica quanto na Bíblia bem como estabelecer que o conhecimento de Deus como "único" inclui a aceitação de Cristo para a salvação.

ESCOPO E DELIMITAÇÕES DO ESTUDO

Neste trabalho pretende-se fazer um apanhado histórico a cerca da origem do pensamento de Jesus Cristo ser “um deus” menor que o Pai e quais suas implicações. Examinaremos textos inseridos no livro de João que fundamentam a plena Divindade de Cristo e sua relação com o Pai observando os conceitos lingüísticos utilizados na passagem de João 17:3 onde o autor descreve a oração de Jesus.

Pretende-se, analisar biblicamente a plena Divindade de Cristo, valendo-se de passagens onde o próprio Cristo revela-se igual ao pai em conexão aos seus atributos.

Na presente pesquisa algumas expressões são de suma importância, pois revelam de forma objetiva a idéia que Cristo passou de sua vida e obra messiânica. Expressões como “vida eterna”, “único Deus verdadeiro”, e a palavra “conheçam”, mostram a intenção do autor (João) e o seu propósito em fazer tal uso.

METODOLOGIA

O método escolhido para a realização deste trabalho é analise comparativo, contextual Bíblico, averiguação filológica de palavras e expressões específicas bem como a observação dos eventos históricos que deram abertura para a discussão cerca da divindade de Cristo e os principais teólogos que tecem comentários a respeito do livro de João, o verso em questão e os atributos de Deus.

ROTEIRO

A análise se dá primeiramente a partir do surgimento do não reconhecimento da divindade de Cristo na história eclesiástica. Observa-se o texto: “E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e Jesus Cristo, a quem enviaste” João 17:3 a partir da filologia das seguintes palavras: “vida eterna”, “conhecer”, “único Deus” e a expressão “a quem enviaste”. Por fim, o estudo se dá com respeito aos atributos de Deus.

---

[1] João 17:3 – Bíblia de estudo Almeida revista e atualizada 2004

CAPÍTULO 1
REFERENCIAL TEÓRICO-HISTÓRICO DA DIVINDADE DE CRISTO

> *"Jesus declarou: "Eu sou a ressurreição e a vida." Em Cristo há vida original, não emprestada, não derivada. "Quem tem o Filho tem a vida." I João 5:12. A divindade de Cristo é a certeza de vida eterna para o crente."* (Ellen White – DTN)

O levantamento histórico e teórico sobre a Divindade de Cristo provê dados úteis que auxiliam na compreensão da abrangência do tema e sua relevância atual. O que se propõe primeiramente nesse capítulo é um rápido esboço acerca do surgimento da influência grega e romana com seu pluralismo de divindades pagãs bem como as idéias do arianismo, sua origem, desenvolvimento e posição atual dentro do cristianismo e sua história.

1.1. Filosofia grega

A Grécia que esteve em ascensão de 331 -168 a.C expandiu-se pelo mundo não somente em território, mas sua cultura e religião foram largamente difundidas entre os povos conquistados. O mundo grego é considerado o berço da civilização, pelo fato de procurar desenvolver-se nas artes, ciências, filosofias e letras. Para a análise em questão é interessante destacarmos a influência filosófica que afetou grandemente o mundo cristão do primeiro século.

Dentre os filósofos de maior influência grega temos Platão (428- 347 a.C), que segundo os livros de história foi discípulo de Sócrates. Platão interessava-se por questões relacionadas ao que é eterno e imutável. Explica-se melhor essa idéia quando recorremos ao que Reis (2002) fala sobre a filosofia de Platão encontrada no livro *Timeu.* No livro é difundida a idéia de um deus que estava acima dos demais deuses, sua morada era o mundo das idéias, e ao criar *demiurgo*, (um deus menor), este por sua vez tornou-se o criador da terra. Esta filosofia de Platão teve alcance em outros filósofos fazendo com que se difundi-se uma corrente que reconhecia em termos finais um Deus que transcendia não apenas o mundo físico - visível, como também qualquer deus pagão que se imaginava interagir com o mundo. Dessa forma, na filosofia religiosa helenista, predominava-se a idéia politeísta e hierárquica de um deus transcendente. Este conceito tem alcance no pensamento gnóstico acerca de Jesus como uma espécie de demiurgo, um deus emanado do pai, um deus inferior. (REIS, 2002: 76. WHIDDEN, MOON, REEVE: 2003).

A partir de 167 a.C, o império mundial passa para Roma. Porém, este traz consigo inevitavelmente a influência filosófica e religiosa dos gregos. Assim como os gregos, romanos também possuíam um panteon de deuses a maioria equivalentes. Com o domínio territorial as culturas foram acoplando em seu pensamento mesmo que vagamente, o politeísmo.

O Cristianismo surge no primeiro século, tendo como pano de fundo uma cultura ocidental amplamente helenista. Suas raízes judaicas destacavam-se destes grupos religiosos por sua crença em um único Deus. Mas, era necessário um trabalho consistente para que a idéia de um deus menor fosse eliminada. Isso porque, à medida que o império romano se expandia, crescia o número de pessoas e de deuses que se agregavam à mistura religiosa, suas cidades possuíam uma vasta quantidade de divindades e templos pagãos. Tanto o cristianismo quanto judaísmo tinham nas escrituras sagradas sua regra de fé, ao contrário, dos gregos e romanos que possuíam muitos deuses em sua cultura religiosa e não tinham um Canon sagrado. Ao surgir no Cristianismo à visão a cerca da pluralidade da Divindade devido à canonicidade do Novo Testamento, a incógnita[2] cristã era: como conciliar o relacionamento desta Divindade em sua pluralidade? (WHIDDEN, MOON, REEVE: 2003).

Diante da influência religiosa greco-romana, a igreja viu-se obrigada a expressar sua fé de um modo compreensível para aqueles que não vinham de uma cultura vétero–testamentária. “Questões ontológicas antes não sistematizadas começaram a invadir os círculos cristãos e, deste modo, os escritores tiveram de cunhar termos helenísticos para tornar inteligível a fé no novo testamento” (RODOR E TIMM 2005: 34). Contudo, tal exercício não significava de modo nenhum uma apostasia do ensino apostólico (CULLMANN, 2001: 400; WHIDDEN, MOON, REEVE: 2003).

A preocupação filosófica em ver o Deus supremo como o transcendente das atividades universais e as características antropomórficas, vieram a ser compartilhadas por vários interpretes cristãos das escrituras, entre eles: Filo de Alexandria, Teófilo, bispo de Antioquia da Síria e Irineu.

1.**2. Filo de Alexandria**

Filo de Alexandria era um judeu rico, erudito, conhecedor do idioma grego e possuidor de capacidade intelectual notável. “Escreveu abundantemente em várias áreas de interpretação da *tora*, e fez uso de rica mistura de interpretações alegóricas e literais de tratados a respeito da

[2] A partir do segundo século, o centro missiológico da igreja transferi-use em definitivo do ambiente judeu – palestino para o mundo greco – romano. O trabalho iniciado por Paulo entre os gentios vê-se finalmente estabilizado

vida de Abraão, José e Moisés." (WHIDDEN, MOON, REEVE, 2003: 143). Destacou que qualquer descrição física de Deus na *tora* era apenas figurativa.

> Para Filo, o Logos foi o modelo de todo o universo criado, embora não um modelo físico. O Logos, contudo, não foi apenas um modelo passivo, mas também participou ativamente, realizando aquilo que Deus planejara. Dessa forma, o Logos foi um agente criador, ou um demiurgo, aquele que criou o mundo visualizado pela mente do Deus transcendente (WHIDDEN, MOON, REEVE, 2003: 144).

Filo acreditava que as referencias literais e históricas das escrituras hebraicas tinham pouca importância, logo, procurou descobrir e explicar o significado espiritual das narrativas bíblicas tentando integrar a religião hebraica com a filosofia grega, especialmente a platônica. Com isso conseguiu influenciar a teologia Alexandrina, causando um grande impacto na estrutura hermenêutica da mesma; e essa busca pela harmonização de ambas as culturas, foram aplicadas também no pensamento acerca da Divindade, que se tornaram tentativas primitivas de descrevê-la, assim, esse conceito tornou-se pontos de subsídios arianos a respeito do "Filho" no quarto século (CAIRNS,2007).

1.3. A influência externa sofrida no pensamento cristão.

No segundo e terceiro séculos, a igreja exprimiu sua autoconsciência nascente numa forma literária nova para enfrentar a perseguição externa do estado romano e o problema interno de ensinos heréticos. As obras dos Apologistas e Polemistas (CAIRNS, 2000: 93).

Justino Mártir (100- 165 a.D) foi o principal apologista do século II. Filho de pais pagãos e nascido perto da cidade de Siquém. Logo, se tornara um inquieto filósofo em busca da verdade. Estudou a filosofia estóica, o idealismo de Platão, as idéias de Aristóteles até se interessar pela filosofia numérica de Pitágoras. Depois de reconhecer o cristianismo como verdadeira religião passou a defender os cristãos das acusações de serem ateus ou idólatras, das perseguições do império romano, bem como deixou em seus escritos que a vida e a moralidade de Cristo estavam previstas no Antigo Testamento.

---

no ambiente gentílico e começa a gravitar em torno de questões que não haviam sido levantadas no ambiente judaico. (Parousia 2º semestre 2005 pg. 34)

Segundo Olson (2001), Irineu nasceu em Esmirna por volta do ano 120 a.D., foi instruído na fé cristã pelo bispo Policarpo, com quem aprendeu as tradições do apóstolo João, discípulo de Jesus. Tornou-se bispo dos cristãos de Lião e arredores e dedicou seu tempo lutando contra a influência crescente do gnosticismo[3]. Escreveu cinco volumes conhecidos pelo nome: *Adversos haereses* – "no livro dois ele insiste na unidade de Deus em oposição à idéia gnóstica de existência de um demiurgo distinto de Deus" (CAIRNS, 2007: 89). Irineu é personagem crucial na história da teologia cristã por ter sido um agente que contribui para a derrota do gnosticismo e por ter sido o primeiro pensador cristão a elaborar teorias compreensivas do pecado original e da redenção. Via que o gnosticismo era um a corrupção completa do evangelho disfarçado em sabedoria superior para pessoas espirituais. Destacava-se também dos demais pensadores por não ser um teórico filosófico, mas um teólogo cristão, bem como, por ser um dos principais polemistas de sua época.

Os dois grupos: Apologistas e Polemistas defendiam a fé cristã, a diferença, porém, encontra-se no círculo intelectual que os grupos trabalhavam. Os Apologistas procuravam convencer os lideres do estado de que o cristianismo não merecia ser perseguido pelo governo, enquanto os Polemistas eram desafiados a enfrentar os movimentos heréticos dentro da igreja.

Outro fator relevante neste contexto são as escolas de pensamentos; Antioquia enfatizava a humanidade de Cristo com sacrifício da divindade; recebeu influência do monoteísmo judaico. Por sua vez, Alexandria enfatizava a divindade em detrimento da humanidade, Cristo era mais Deus que homem; esta escola recebeu influência da filosofia greco-romana e dela beberam os principais polemistas que combateram as heresias concernentes a Divindade de Cristo, entre eles estão, Filo de Alexandria, Clemente de Alexandria e Orígenes.

1.3.1. Clemente de Alexandria

Nascido de pais pagãos por volta de 150 a.D. provavelmente em Atenas, Tito Flávio Clemente tinha um grande anseio por conhecimento. Depois de convertido ao cristianismo e de ter estudado com uma série de seis professores na Grécia, Sul da Itália e Palestina, "chegou a

[3] Movimento religioso que desafiou profundamente a doutrina do cristianismo. Era uma mistura de cristianismo, especulação religiosa, misticismo, filosofia grega e judaísmo. Segundo Irineu, os gnósticos valentinianos afirmavam conhecer as coisas profundas de Deus e ter perfeito conhecimento de Deus. Muitos Gnósticos consideravam- se cristãos, mas acreditavam firmemente que a sua gnose (conhecimento) espiritual os diferenciavam dos demais cristãos (SCHIPPER,1999: 129).

Alexandria por volta de 180 e ali encontrou aquilo que havia muito procurado, um mestre" (SCHIPPER,1999: 158).

No fim da segunda metade do século II, abriu-se em Alexandria uma escola catequética para instruir os convertidos do paganismo ao cristianismo. Seu primeiro diretor foi Panteno, que segundo a história vinha do Estoicismo. Clemente (de Alexandria) dirigiu a escola catequética juntamente com Panteno de 190 a 202 a.D. Seus estudos em filosofia grega o auxiliaram a tornar os ensinos cristãos mais claros para os pagãos. Segundo Cairns (2007), a filosofia grega seria aproximada do cristianismo a fim de que se compreende-se que o cristianismo era a filosofia superior e definitiva.

Os membros da escola alexandrina ansiavam por desenvolver um sistema teológico a partir do uso da filosofia, capaz de permitir uma exposição sistemática do cristianismo. Através da literatura e filosofia clássica, pensaram que poderiam usá-las na formulação da teologia cristã. Assim, ao invés de enfatizarem uma interpretação histórico-gramatical da Bíblia, "criaram um sistema alegórico de interpretação, baseando-se na suposição de que a Bíblia tem mais de um sentido" (CAIRNS, 2007:90).

Servindo-se da analogia do corpo, alma e espírito, Clemente inferiu ênfase intelectual aos seus ensinos invocando de Platão os seus aspectos filosóficos. "Em suas literaturas, (*Exortações aos pagãos, o instrutor, Stromata, Quem é o rico que será salvo? E seleções de Teodócio*) Clemente apresenta o cristianismo como o verdadeiro conhecimento e o cristão como o verdadeiro gnóstico" (CAIRNS, 2007). Acreditava que a filosofia grega tomara o que havia de verdade nela do Velho testamento e que era uma preparação para o Evangelho. "Sem dúvida alguma, Clemente estava contaminado pelo platonismo médio que formava a filosofia genérica da maioria dos alexandrinos cultos e pode ter contribuído para o surgimento de um novo tipo de filosofia platônica conhecida como neoplatonismo" (CAIRNS, 2007: 91).

1.3.2. Orígenes

Depois da partida de Clemente, seu aluno Orígenes, o sucedeu na direção da escola catequética. Autor de seis mil pergaminhos e mais de oitocentos manuscritos, Orígenes pode ser comparado a Agostinho no significado de sua obra (CAIRNS, 2007: 91). Seu objetivo era fornecer respostas a cristãos que levantavam questões intelectuais a margem das escrituras.

As obras teológicas mais importantes de Orígenes foram *Contra Celso* e *De principiis*. A última contém reflexões teológicas sobre a natureza de Deus e do seu Logos, tanto os arqui-hereges quanto os campeões da ortodoxia apelaram a ele como mentor e encontraram nos

seus escritos subsídios a seu favor. Apesar de sistemático e rigoroso em sua forma de tratar dos temas doutrinários, Orígenes conseguia às vezes cair em contradição.

> Próximo ao começo do terceiro século, Orígenes sugeriu que a conexão entre Deus Pai e Deus filho era de Participação. “Deus pai era o único Deus verdadeiro e Deus filho era Deus através da participação da Divindade do Pai”. Isto demonstrou que Orígenes não considerava o filho como sendo Deus por natureza, mas apenas por meio de participação, mostrando assim, uma idéia com tendência ariana (WHIDDEN, MOON, REEVE, 2003: 157).

Para compreender a doutrina de Deus proposta por Orígenes e por que ela se tornou um legado perturbador à igreja, o ponto de partida são suas pressuposições a respeito da natureza de Deus.

> Para ele, Deus é espírito e mente simples (destituídos de partes), incorpóreo, imutável e incompreensível. Obviamente, Orígenes tinha muito mais para dizer a respeito de Deus, mas essa declaração é suficiente para mostrar a influência do platonismo médio ou até mesmo do neoplatonismo sobre seu modo de pensar (OLSON, 2001: 111).

1.4. O arianismo

No fim do segundo século, a igreja ainda não havia sistematizado o relacionamento entre o Pai, Filho e Espírito Santo. Apenas esclarecia Cristo como sendo plenamente Deus e homem, no entanto, os argumentos não foram devidamente desenvolvidos.

Segundo Olson (2001) os pormenores da vida de Ario são desconhecidos, mas acredita-se que ele nasceu na região da África do Norte e estudou na escola catequética cristã em Antioquia. Ário possuía um histórico teológico tendencioso, foi aluno do influente Luciano de Antioquia, que por sua vez, tinha sido influenciado pelo Herético bispo chamado Paulo de Samosata. Ário tendia a enfatizar a humanidade de Jesus Cristo mais do que a divindade e, esforçou-se para encontrar uma maneira de explicar a encarnação de Deus em Cristo sem fazer de Jesus o próprio Deus.

Alem deste pensamento, Ário tinha suas pressuposições em Orígenes, que encerrava duas opiniões a cerca da Divindade:a igualdade entre o Logos e Deus Pai, e a subordinação do

Logos ao Pai. O Logos segundo ele era de algum modo inferior ao Pai, porem isto nunca foi explicado exatamente por Orígenes.Por pertencer a escola de Alexandria os alexandrinos afirmam que Orígenes era um deles, e seus escritos ressaltavam Jesus como o eterno Filho de Deus, por outro lado, os antioquenos, (escola de Ário) também estudavam a teologia de Orígenes e contestavam que Jesus era um ser intermediário entre Deus e a criação (OLSON,2001).

Tão logo as escolas começaram a interagir, o prestigio, a política e o poder entram em cena, a abertura para a discussão do arianismo deu-se quando Ário tentou detectar fragmentos da antiga heresia modalista de Sábelio[4] no discurso de Alexandre, bispo de Alexandria e assim, paulatinamente o conflito entre os dois lideres cristãos foi ganhando terreno, até transformar-se em uma guerra campal teológico-eclesiástica (STOTT, 2004).

1.4.1. A máxima de Ário

Segundo Olson (2007) o bispo Alexandre, era uma pessoa respeitosa e tolerante, não tinha prazer em conflitos, e tentou corrigir através de cartas e sermões as criticas de Ário e seus ensinos a respeito de Deus e de Jesus Cristo. Porem isto não surtiu efeito, então o Bispo de Alexandria convoca um sínodo de bispos para examinar as opiniões de Ário; este por sua vez antes do sínodo reunir-se convoca uma passeata com seus seguidores nas ruas de Alexandria e os que apoiavam Alexandre marcharam contra Ário e logo os dois grupos se encontraram em frente a catedral, causando tumulto e discussões.

Após a agitação popular, o sínodo se reuniu e contou com 100 bispos de toda a região oriental e todos ouviram a crítica que Alexandre fez aos ensinamentos de Ário. Como pano de fundo entre os antagonistas Ário e Alexandre (Bispo de Alexandria), estava à filosofia grega, ambos a partilhavam com premissas divergentes, todavia, em comum, acreditavam que a deidade é ontologicamente perfeita de tal modo que seria impossível para ela sofrer qualquer mudança. A diferença entre Ário e Alexandre estava na concepção da natureza de Jesus Cristo e o Logos que encarnou Nele, a doutrina da salvação estava sendo o cerne da discussão. Alexandre compreendia o conceito ortodoxo, Ário enfatizava a conformidade voluntária com os padrões morais de Deus. Portanto a diferença era:

[4] Sabélio ensinava que existia apenas um Deus, negava a trindade composta por três pessoas co-eternas, ele é o precursor do modalismo.

> Salvação, para a ortodoxia, é levada a efeito pela identidade essencial do Filho com o Pai – o que associa Deus e Cristo à criação é a pressuposição da natureza divina na carne. A salvação para o arianismo é levada a efeito pela identificação do Filho com as Criaturas – o que liga Cristo e as criaturas a Deus é a conformidade da vontade (OLSON, 2001:149).

Ário e seus seguidores exploraram o argumento de que, se "Jesus Cristo é a encarnação do Logos e se o Logos é divino no mesmo sentido que Deus Pai é divino, a natureza de Deus seria alterada pela vida humana de Jesus no tempo e Deus teria sofrido através dele" (OLSON, 2001: 147). Ário empreendia também a palavra *gerado* (gennetos) usada para descrever Jesus Cristo como Filho de Deus. Se foi gerado, logo teve um inicio.

Ário acusou Alexandre de negar a verdadeira humanidade de Jesus Cristo e de promover a heresia sabeliana. Começou a ensinar aos cristãos alexandrinos que o Logos – ou filho de Deus – era uma criatura e não um ser igual ao Pai. Disse que a "diferença entre o filho e o Pai estava no fato de que este era eterno e imutável e aquele, que fora criado antes do mundo era passível de mudança e sofrimento... tempo houve em que o filho não existia" (OLSON, 2001: 148).

O que era apenas para ser uma abordagem da fé para o mundo Greco – romano tornou-se uma sobreposição do helenismo sobre a teologia cristã. Embevecidos pela cultura grega Ário e seus discípulos não conseguiram escapar á sedução da filosofia gnóstica tão disseminada entre os alexandrinos. Para estes, o maior problema da existência humana estava no dualismo idealizado por Platão e aprofundado por correntes posteriores. (RODOR E TIMM, 2005. P 36)

Alexandre respondeu à campanha de correspondências de Ário com uma obra intitulada *Deposição de Ário* e, conforme o título deixa subentendido, foi uma tentativa de explicar a condenação e deposição de Ário em Alexandria.

1.4.2. Atanásio

Anos mais tarde, quando Alexandre, bispo de Alexandria foi ao concílio de Nicéia[5] defender o trinitárianismo das idéias arianas levou consigo um jovem promissor chamado Atanásio. Este era dotado de perspicácia, inteligência e coragem, e por ser ainda muito jovem e capaz, sucedeu Alexandre na idade de trinta anos (quando o mesmo faleceu em 328),

assumindo o bispado de Alexandria por quarenta e cinco anos. Atuando como arcebispo de Alexandria, sua preocupação não era simplesmente defender a igreja, mas defender o próprio evangelho. Para ele, a própria salvação depende de o filho de Deus ser o próprio Deus e não meramente uma criatura divina "semelhante" a Deus apenas. Atanásio repudiava o termo ariano que declarava: "Tempo houve em que o Filho não existia". Para ele isto era inaceitável, porque o evangelho dependia de Jesus Cristo ser inteiramente Deus e inteiramente homem (OLSON, 2001).

Em suas idéias teológicas Atanásio partilhava de três linhas de raciocínio (metafísica, salvação e revelação) entre o Filho de Deus e o Pai; o primeiro conceito partia do seguinte pressuposto: "se houve um tempo em que o Filho não existia, conseqüentemente houve um tempo em que o Pai não era Pai". Para ele, o Filho faz parte da definição de Deus como Pai e "o Filho de Deus é eterno, pois a sua natureza é sempre perfeita"; negar a divindade Do Filho é um ultraje contra o Pai (OLSON, 2001. 172) a segunda linha de importância para Atanásio era acerca da soteriologia.

> "O âmago do raciocínio atanasiano é que se o Filho de Deus não é "verdadeiramente Deus" no mesmo sentido que o Pai fica impossível a salvação como uma nova criação. Somente Deus pode desfazer o pecado e fazer com que uma criatura compartilhe da natureza divina" OLSON, 2001. 173.

No terceiro assunto Atanásio elabora- o a fim de defender a plena divindade do Filho é a questão da revelação. Jesus Cristo precisava ser Plenamente Deus para poder revelar o Pai verdadeiramente, caso contrário seria apenas uma mera imagem; para ele somente Deus pode revelar a Deus: "Se o Filho não é Deus da mesma forma que o Pai é Deus, não pode revelar Pai de modo verdadeiro e genuíno" (OLSON, 2001. 175).

Portanto, segundo o argumento de Atanásio, se o Filho de Deus que veio a ser Jesus Cristo não fosse realmente Deus da mesma forma que o Pai é Deus, "Nós humanos, não seriamos salvos por ele e pela nossa ligação a ele *e* ele não nos revelaria verdadeiramente o Pai". Isto mostra que o arianismo não possui um fundamento Bíblico para expor seus pontos de vista, ao contrário do cristianismo, que baseia-se em Jesus Cristo como a única encarnação de Deus na natureza humana (OLSON, 2001. 175).

---

[5]O concilio de Nicéia, em 325, lançou as bases do Credo Niceno, afirmações de Fé ainda hoje aceita pelos membros

1.4.3. Pensamentos modernos

O arianismo ao contrário do [6]adocionismo e modalismo [7], era a forma mais sutil de negar a plena Divindade de Cristo (SCHIPPER, 1999: 216). Jesus Cristo é Deus e é isto que distingue o cristianismo e seu evangelho das outras religiões e filosofias monoteísticas, como o judaísmo, platonismo e estoicismo.

Depois de Ário, alguns movimentos religiosos adotam a mesma linha de raciocínio na qual a divindade de Cristo foi negada por Ário, "o resumo dessa heresia soa como uma descrição da principal doutrina distintiva da Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e tratados, mais popularmente conhecida por testemunhas de Jeová[8]" (OLSON, 2001:151). Entretanto agora, advogam que nas escrituras, há um fundamento no qual o próprio Cristo refere-se ao pai como sendo o único Deus verdadeiro.

Os que dessa forma pensam utilizam-se da passagem de João 17:3, onde se lê: "*E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste*". "O único Deus Verdadeiro" é a expressão chave de João 17:3 para algumas ramificações religiosas que assim como Ário, colocam em cheque a divindade de Cristo; estes negam a divindade de Cristo a partir deste verso (TORRE DE VIGIA, 2002. p15).

Segundo o movimento religioso denominado testemunhas de Jeová, João 17:3 é um texto importante para se entender a divindade de Cristo, porque (de acordo com elas), o verso sugere que Ele – Jesus - é inferior ao Pai ontologicamente e também Submisso porque somente através do conhecimento de Jeová se obtém a salvação(TORRE DE VIGIA, 1995. p 32). Assim, as conclusões são baseadas na seguinte premissa: se o próprio Jesus Falou "... e que conheçam a ti, o único Deus verdadeiro...", logo, Ele (Jesus) coloca-se automaticamente como sendo inferior a Jeová.

Entretanto, a predisposição em colocar Jesus como um "deus" inferior ao Pai, tem em sua essência, noções que inquire idéias arianas, como mostrado acima. "Os arianos haviam se

---

da igreja católica romana, ortodoxa oriental e algumas protestantes.

[6] Doutrina que admitia ser Jesus Cristo filho adotivo.

[7] Visão radicalmente monoteísta de Deus, a qual focaliza tão intensamente a unicidade de Deus que vê Pai, Filho e Espírito como três modos, ou fases, do mesmo ser. Eles não têm individualismo. O termo antigo para esta interpretação era sabelianismo.

[8] "A seita Testemunhas de Jeová ensina que Jesus Cristo é a encarnação do Arcanjo Miguel, que é a primeira e maior criatura de Deus, por meio de quem Deus criou o mundo e ofereceu um sacrifício pelos pecados. Ário e seus seguidores no século IV não entendiam dessa forma o Logos ou o filho de Deus. Entretanto, a estrutura básica de sua crença a respeito do Filho de Deus é quase idêntica á das Testemunhas de Jeová: O filho de Deus é uma criatura grandiosa, mas não tem a mesma natureza de Deus Pai, o único que é verdadeira e plenamente Deus. (Brochura :deve-se crer na trindade? - sociedade torre de vigia de Bíblias e tratados1989)". **(OLSON,2001: 639)**

tornado hábeis em torcer as escrituras de modo que qualquer terminologia bíblica pudesse ser interpretada em favor deles”(OLSON, 2001: 158). Isso nos remete a uma investigação bíblica sobre divindade de Cristo e o texto em questão. Então, assim como foi averiguado na história da igreja, faz-se necessário investigar o assunto, a luz da Bíblia de modo que, compreendamos o que Cristo quis nos ensinar com suas palavras.

CAPITULO 2

ANALISES DA DIVINDADE DE CRISTO EM JOÃO 17:3

> *"Por que, entre todos os personagens do I século, só Jesus é adorado hoje? É porque Jesus, o Jesus histórico, também é o Senhor Vivo. Eis a razão: é porque ele ainda está conosco, enquanto os outros já se foram há muito tempo."* (Lee Strobel).

Após as considerações a respeito do aspecto histórico sobre a Divindade de Jesus e suas implicações através da história, dá-se nesse capítulo uma breve análise do livro de João e sua teologia, bem como, o significado das palavras usadas por Cristo em sua oração sacerdotal exposta em João 17:3 (*dzoé aionios, ginoskosin, monon e aposteilas*) "E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste." Verso usado por aqueles que querem negar a plena divindade de Cristo.

2.1. O livro de João

Os evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas são chamados de *Sinópticos* pelo fato de concordarem entre si, observando juntos os fatos de Cristo, ao contrário do evangelho de João que menciona menos de dez por cento daquilo que é apresentado nos demais evangelhos (CHAMPLIN, 2002, V 2 NT. p 251).

O livro de João difere-se dos sinópticos devido a sua teologia, expressões, estrutura, linguagem e forma literária. Em sua teologia João tem a preocupação em apresentar não somente um Jesus histórico, mas sua intenção está em mostrar que Jesus é Deus, e que não há a necessidade de vê-lo ou tocá-lo para ele poder exercer sua obra na vida humana. Em sua estrutura literária João apresenta os maiores milagres realizados por Cristo, (não que nos sinópticos os milagres sejam simples) aqui ele escreve para um povo cuja a presença de Cristo não é mais vista, assim o autor mostra os milagres sob a perspectiva da palavra, a presença não importa, mas a palavra sim, não é mais necessário a presença do Salvador para Ele operar em favor de seu povo.

João escreve de uma forma coloquial, não erudita, seu grego é simples, suas palavras refletem o contexto de seu tempo, onde o gnosticismo estava crescendo, assim, palavras como, Logos, Luz e mundo são constantemente usadas para interagir com o publico de sua época.

Nos sinópticos os evangelistas escrevem para as nações que pretendem alcançar (romanos, judeus e gregos), João tem em vista os membros da igreja cristã do primeiro século, membros que ouviram dos milagres de Jesus e que agora precisam exercer ainda mais fé, pois a heresia gnóstica começa a ganhar campo.

Em João, o estilo do ensino de Jesus é de longos discursos, quanto que nos sinópticos são parábolas. A estrutura do pensamento de João parece mover-se em um mundo diferente, não há menção a esta era e ao século futuro, mas seu discurso é ligado entre o céu e a terra e sua preocupação é mostrar o Deus Jesus Cristo (LADD, 2003. p 326).

2.1.2. A teologia do livro

O quarto evangelista escreveu para um mundo totalmente diferente daquele em que os acontecimentos salvíficos ocorreram. O objetivo do evangelho está expresso em João 20: 30-31 *"... para que creiais que Jesus* ***é*** *o Cristo,* ***o*** *Filho* ***de*** *Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome",* o objetivo é levar aos leitores a crer *em* e crer *que*; crer em Jesus é o estilo de vida em torno do evangelho, mas crer Nele entende-se acerca das coisas sobre – que Ele é "o Cristo, o Filho de Deus". "para João, crer que Jesus é o Messias significa crer que Ele é o Filho de Deus". João Conferiu a máxima importância a verdade eterna, que ele identificou como a auto-manifestação divina, o Verbo que existia no princípio com Deus (BRUCE, 1999.p 24).

2.2. João 17

Este capítulo constitui a parte final dos discursos de despedidas, feitas pelo Senhor Jesus, iniciadas em João 13:31 *Quando ele saiu, disse Jesus: Agora, foi glorificado o Filho do Homem, e Deus foi glorificado nele;* e interrompem a narrativa joanina sobre as ultimas horas da vida do Senhor Jesus.

João não criou uma nova forma literária quando registrou essa notável oração de Cristo, embora tenha ultrapassado a toda e qualquer outra literatura no que diz respeito a exaltação de expressões; e é exatamente por esse motivo que era a oração sumo sacerdotal de Jesus ocupa uma posição tão singular na literatura mundial. "Se o evangelho de João não contasse com qualquer outro sinal distintivo, além desta extraordinária secção, bastaria este capitulo para assegurar-lhe um lugar garantido entre as maiores e mais profundas peças literárias de todos os tempos" (CHAMPLIN, 2002, V 2 NT. p 251).

2.2.1. Dzoé aionios (vida eterna)

De acordo com os seguintes interpretes (HUBBARD E BARKER,1987,V36.p 296, GAEBELEIN,1981,V9.p 162, HARRIS, 1988, V5.p 449 e MICHAELS,1994.p 303) a expressão "vida eterna", está conectada com o conhecimento experiencial de Deus e o relacionamento com o seu filho Jesus Cristo.

João é consistente e consciente no uso de suas palavras, o pano de fundo é revelar a divindade de Cristo e mostrar que Ele é Deus. O termo *dzoé* (vida) é utilizado trinta e seis vezes em João, a expressão *dzoé aionios* (vida eterna) aparece dezessete vezes. O adjetivo *aionios* (eterna) em si mesmo não denota um significado qualitativo, pois designa uma vida cujo tipo é diferente da vida humana; de acordo com George Eldon Ladd, no quarto evangelho, "o terno (vida) *(dzoé)* retém um caráter escatológico, a ênfase não é mostrar aos homens o modo de vida no século futuro, mas levá-los a uma experiência presente dessa vida futura" (DODD, 2003. p195; LADD, 2003. p 376).

Vida eterna é definida de duas formas: como jamais perecer (João 10:28 *Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão* / 11:26 *e todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente. Crês isto?)* e como conhecer o Pai e O filho (João 17:2 *assim como lhe conferiste autoridade sobre toda a carne, a fim de que ele conceda a vida eterna a todos os que lhe deste.).* Para João vida eterna não é mera prolongação para a eternidade da vida já conhecida e vivida, ela é transcendente e diferente da vida física, é a vida de ordem superior que Deus possui e que Ele comunica aos homens por meio de Jesus - João 6:33 *Porque o pão de Deus é o que desce do céu e dá vida ao mundo.* A vida eterna depende de conhecer o Pai como O que envia, se não se sabe a respeito da missão salvadora de Deus, o mais certo é que os seus benefícios não serão recebidos. Neste caso, a vida eterna, este era o propósito de Cristo – João 10:10 *O ladrão vem somente para roubar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância.;* 20:31 *Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome.* (MORRIS, 1991.p 570; VELOSO, 1984. p 413).

2.2.2. Ginoskosin (conheçam)

Outro termo importante inserido no verso a ser analisado é a palavra *ginoskosin* (conheçam), este verbo, no presente ativo no modo subjuntivo da terceira pessoa plural é

derivado do verbo *ginosko*, que, para os gregos é a idéia de conhecimento intelectual, refere-se ao conhecimento captado pelo intelecto, por meio da observação objetiva. Devido a este conceito de observação, o verbo *ginosko* refere-se mais ao processo por meio do qual o intelecto vai incorporando o conhecimento, não se refere ao conhecimento em si, mas a atividade por meio da qual se obtém o conhecimento. Este verbo emprega-se ao homem, pois é necessário buscar o conhecimento para aprender algo a respeito "de", conhecer a Deus não é somente de forma intelectual, mas implica relacionar-se com Ele, buscá-lo através de sua palavra, a fonte do conhecimento. A Bíblia, ao referir-se a Cristo usa o verbo *oida*, que expressa à idéia de "ter compreensão de", "possuir a capacidade para", "estar em condições de compreender a natureza interna de algo". Para os gregos, o que conhece, em termos de *oida*, é aquele que tem uma compreensão da vida. *oida* não indica processo pelo qual se chega ao conhecimento, mas o conhecimento em si mesmo (VELOSO,1984..p 428, COENEN E BROWN, 2000.p 392).

Assim, em João 17:3 onde a expressão "que te conheçam a ti", o homem deve-se aplicar na busca de conhecer a Deus e sua salvação. Para Cristo, isto não é necessário, pois ele conhece *(oida)* o Pai e sua missão e isto, sem ter sido instruído por alguém.

2.2.3. Monon aletheinon (único verdadeiro)

Outra palavra a ser destacada em nosso estudo é *monos*. Ela é empregada freqüentemente para a unicidade de Deus e repetem-se quarenta e seis vezes no Novo Testamento. No verso em questão a palavra é *monon,* que por sua vez aparece sessenta e seis vezes em todo o Novo Testamento (COENEN E BROWN, 2000.p 392).

Monon que significa "único" é um adjetivo acusativo masculino singular do grego *monos* e em João 17:3 está vinculado a palavra *aletheinon* (verdadeiro), assim, na construção da frase o que entende-se é que João não afirma Jeová em detrimento de Cristo como o único Deus verdadeiro, mas ele coloca em contraste Jeová e os falsos deuses existentes.

Somente duas vezes em todo o Evangelho se fala de Deus como *aletheinos*, o outro texto encontra-se em João 7:28, ("... *e não vim porque eu, de mim mesmo, o quisesse, mas aquele que me enviou é* ***verdadeiro****, aquele a quem vós não conheceis.")* onde se diz que o pai que envia é verdadeiro, portanto essas duas passagens (7:28 e 17:3) estão relacionadas com o envio e o conhecimento (BROWN, 1970. p 741; VELOSO, 1984. p 414).

A palavra em questão está inserida no verso da oração sacerdotal de Jesus, logo, na expressão que se refere "o único Deus verdadeiro" Jesus não esta discutindo o relacionamento

de sua natureza em contraste com a do Pai. Cristo menciona a necessidade de as pessoas reconhecerem o único Deus verdadeiro em oposição aos ídolos e falsos deuses. Neste verso, Jesus se vincula de maneira muito intima com o Pai; vida eterna é não apenas conhecer o pai, mas também conhecer aquele a quem o pai enviou. Desta forma Jesus mostra a necessidade de reconhecê-lo como o meio de salvação.

2.2.4. Pempo e apostello (enviar)

O livro de João expõe-nos vários conceitos teológicos, e o envio de Cristo é descrito com dois verbos, a saber: *pempo e apostello*, ambos, significam enviar, no entanto possuem conotações diferentes. Em João 17:3 *E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.* João utiliza o verbo Apostello.

Há um contraste do Quarto Evangelho, com os demais livros do Novo Testamento em relação ao uso do verbo *pempo*, indicando através deste uma revelação especial sobre a origem da missão. É interessante notar que em nenhuma das quatro vezes em que o verbo é apresentado neste Evangelho ele o é na forma passiva, João o utiliza sempre na voz ativa. As construções gramaticais feitas em torno desta palavra apontam para uma igualdade entre o sujeito e o objeto que estão envolvidos, neste caso entre o Pai e o Filho. Este indício mostra que o Filho e o Pai estavam sempre juntos na origem da missão, o Filho é igual ao Pai ao se originar a missão, o querer do Filho atuou na iniciativa do envio (VELOSO, 1984. p. 422).

O verbo *aposteilas*, é um verbo ativo aoristo na segunda pessoa do singular no modo indicativo de *apostello* e em João 17:3, refere-se à realização histórica da missão de Cristo em contraste com o verbo *Pempo*, que assinala Sua origem junto ao Pai. Ao falar da missão histórica teremos que levar em conta as referencias do quarto evangelho onde se apresenta a missão com o verbo *apostello*: revelar, salvar e dar a vida eterna.

Há uma unidade entre o Pai e o Filho em toda a realização histórica da missão, porem há um elemento que contribui especificamente para determinar o lugar do Filho na execução da missão, este elemento é o uso do pronome relativo *hon*, com o qual se indica o Filho quando se fala da Missão com *apostello*. A regularidade com que se emprega o pronome *hon* para referir-se a Jesus se mostra um significado importante, sugerindo que Jesus tem uma posição única, Ele é quem executa cada uma das obras que a realização histórica da missão demanda, assim, na realização da missão o Filho tem a ação principal, não diminuindo a atividade do Pai. “Isto

afirma que na atividade unida do Pai e do Filho, presente em toda a obra missionária, ao Filho corresponde a ação principal na parte histórica da missão" (VELOSO,1984. P 417).

2.3. João 17:3

"*E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste"*

O verso em questão está inserido na oração sacerdotal de Jesus, logo, na expressão que se refere "o único Deus verdadeiro", Jesus não esta discutindo o relacionamento de sua natureza em contraste com a do Pai. Cristo menciona a necessidade de as pessoas reconhecerem o único Deus verdadeiro em oposição aos ídolos e falsos deuses. Neste verso, Jesus se vincula de maneira muito intima com o Pai; vida eterna é não apenas conhecer o pai, mas também conhecer aquele a quem o pai enviou. Desta forma Jesus mostra a necessidade de reconhecê-lo como o meio de salvação.

CAPITULO 3
CONEXÃO DOS ATRIBUTOS DE DEUS EM CRISTO.

Após considerarmos os elementos Bíblicos da divindade de Cristo em João 17:3 analisando as palavras do verso dá-se neste capitulo uma breve análise dos atributos de Deus e sua aplicabilidade em Seu Filho, Jesus Cristo bem como o estudo de dois versos em João.

3.1. Principio da Análise: Classificação dos Atributos

"Podem-se conceber os atributos apenas a uma essência subjacente que fornece sua base em uma unidade", caso represente-se Deus como um composto de atributos, pomos em risco a unidade da Divindade (STRONG, 2002, p 366).

Os atributos de Deus são as características distintivas da natureza Divina inseparáveis da idéia de Deus e que constituem a base e apoio das suas várias manifestações as suas criaturas. Sua essência revela-se através dos atributos, sem eles ela torna-se incognoscível (ERICKSON, 1991).

Os atributos podem ser divididos em duas classes: Absolutos ou imanentes e Relativos ou transitivos. Absolutos, são os atributos que se referem ao ser interior de Deus, envolvidos nas relações de Deus consigo mesmo e pertencentes à sua natureza independente de sua conexão com o universo (Vida, Pessoalidade, Existência Própria, Imutabilidade, Unidade, Verdade, Amor, Santidade). Relativos, são os atributos que se referem á revelação exterior do ser divino e envolvem as relações de Deus com a criação e se realizam em conseqüência da existência do universo e sua dependência Dele-Eternidade, Imensidade, Onipresença, onisciência e Onipotência - (STRONG, 2003, p 369).

O objetivo desta discrição em atributos Absolutos e Relativos e tornar clara a auto-suficiência Divina. Com isto em mente, podemos empreender á luz das escrituras, a conexão dos atributos de Cristo com o Pai.

3.2. Qualificação dos Atributos em Cristo

Dentre os atributos mencionados anteriormente entre eles estão: vida, existência própria, imutabilidade, verdade, amor, santidade, eternidade, onipresença, onisciência, e onipotência. Todos estes atributos são aplicados a Cristo, em conexão onde os termos não são empregados em nenhum sentido secundário, nem em qualquer definição aplicável a outra criatura.

Vida: João 1:4 “Nele estava a Vida”, 14:6 “o caminho a verdade e a vida” - Nestes textos, a palavra “vida”, não se refere a vida biológica, humana, ou natural, para isto João usa outras palavras como “Biós” ou “Psique” (2:16; 3:17; 10:11,15,17). “Dzoé”, é a palavra usada no verso acima, refere-se a um atributo Daquele que é o Criador, vida eterna e vida essencial. João é consistente no uso das palavras; não há nada no texto que sugira concessão, logo era necessário haver vida Nele. Em Cristo, a vida é original, no crente é um dom, concessão ou uma dádiva Por meio de Cristo.

A palavra “Dzoé” ocorre 36 vezes em João, em 5:26 “...tem vida em si mesmo...”, a mesma palavra utilizada para o Pai é empregada para o Filho no mesmo verso, se Jesus tem vida em si mesmo, ela não pode ser outorgada vinda do Pai, a subordinação do Logos é apenas funcional e não ontológica. (DODD, 2003. p195; LADD, 2003. p 376).

Imutabilidade: Hebreus 13:8 “Jesus Cristo, é o mesmo ontem, hoje e eternamente” em comparação com o que diz o profeta Malaquias em 3:6 e Tiago 1:17, vemos a interligação do antigo e novo testamento com o termo imutável.

Eternidade: João 1: 1 “No princípio era o verbo...” *em arché en ho* logos a palavra “principio” *arché* descrita aqui, é uma referencia a “principio” de Gênesis, João insere a cristologia pura, inferindo Jesus como Deus. (PAROSCHI, 2003. p 33)

O *en* indica o imperfeito do verbo eimi, demonstra um tempo imperfeito, descrevendo a ação continua no passado, assim em *arche* é anterior ao princípio, afirmando a pré existência de Jesus, não negando a eternidade. O “principio” é tomado por João como sendo um ponto de referencia, sua preocupação é mencionar a origem de Jesus.

Somente João refere-se a Jesus como o *Logos*. Nas escolas gregas logos era o principio da razão, ordem imanente no universo, mais que uma energia, uma consciência que dá forma as coisas, entretanto, no grego logos não pode encarnar. João usa um termo, esse é universal, apela para a filosofia grega e faz conexão com Dabhar Yahweh “palavra de Deus”, Deus cria por meio de sua palavra (Sl 33:3). Na tradição judaica o termo veio a ser entendido como uma designação do próprio Deus e João usa um veiculo grego com um conceito judaico. (PAROSCHI, 2003. p 38)

Onipresença: Mateus 28:20 “Eu estou convosco todos os dias” ; Mateus 18:20 “porque onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ai estou eu no meio deles”.

Onisciência: Mateus 9:4 “Mas Jesus, conhecendo os seus pensamentos...”; João 2:24,25 porque a todos conhecia... “Ele bem sabia o que estava no homem.”

Onipotência: Mateus 28:18 “toda a autoridade me foi dada no céu e na terra”; Apocalipse 1:8 “Eu Sou o Alfa e o Ômega...” .

3.3. João 1:1 – Duas fortes evidências da divindade de Cristo em João

Em João 1:1 - *No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus - Kai theos en ho logos* (DEUS ERA O VERBO) a ausência do artigo mostra que "Deus" é predicativo nominal, precedendo o verbo para dar ênfase, indicando um progresso no pensamento. "Era" é o verbo intransitivo que conecta o sujeito *ho logos.* O "Verbo" é o sujeito da sentença, não só estava com Deus, mas Ele era Deus. Na introdução do verso a questão não é quem é Deus, mas quem é "Verbo", visto que o Verbo estava com Deus. O texto não permite interpretar a palavra "Deus" como "deus". A ausência do artigo definido diante da palavra "Deus" no grego não o transforma num substantivo indefinido ("um deus") porque a frase possui um sujeito bem específico. (WHIDDEN, MOON, REEVE, 2003. p 71.VELOSO,1984. p. 35. CHAMPLIM,2005.V2 NT. p 265).

Assim, temos neste verso três elementos que apontam para a Divindade de Jesus Cristo: sua existência além do tempo, sua existência pessoal em comunhão ativa com Deus e sua natureza, Deus em essência.

3.3.1. João 8:58 – EU SOU

"Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade eu vos digo: antes que Abraão existisse, EU SOU".

No evangelho de João aparecem dois verbos que significam "ser", *eimi*, sou ou existo, e *ginomai*, mereço, chego a ser. O verbo *eimi* aplicado a Jesus designa uma propriedade essencial de Deus: ser por si mesmo, ser o princípio de toda existência; a criatura, pelo contrário, está no suceder, *ginomai.* Cristo não chegou a ser, Ele é. O filho existe por Si mesmo na presença do Pai (VELOSO,1984. p 426).

Em João 8:58 Jesus claramente identifica a si próprio como o grande Deus "Eu Sou" do Antigo Testamento de Êxodo 3:14. A palavra "Ego" é um pronome nominativo da primeira pessoa do singular e *Eim*i um verbo indicativo do presente ativo da primeira pessoa do singular, assim, se Jesus pretendesse simplesmente salientar que Ele existia antes de Abraão, deveria ter dito *Ego En* (Eu era); entretanto Ele usa a expressão *Ego Eimi* (Eu Sou) no sentido absoluto, sem esclarecimento adicional. (WHIDDEN, MOON, REEVE, 2003. p 35.VELOSO,1984. p. 211).

Jesus não pertence à história dos homens, limitando-se a ser mais um personagem no mundo, Ele é eterno. Se assim não fosse sua declaração seria precedida por um substantivo após a expressão *Ego Eimi* mostrando que ele em algum momento na história passou a existir, no entanto o que vemos inferido em suas palavras é a ênfase que Ele faz a si mesmo mostrando a evidência de sua plena Divindade, sua missão messiânica e a perfeita união com o Pai (CHAMPLIM,2005, V2 NT.p 421).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho primeiro apresentou a natureza da pesquisa realizada, mostrando seu lugar e importância no contexto da história da igreja Cristã primitiva. Tendo em vista um estudo das pressuposições dos pais da igreja em vista da Divindade de Cristo. A importância da pesquisa desenvolvida, bem como sua metodologia, é delineada de forma sucinta. Posteriormente no capítulo dois é apresentado um panorama geral teórico-teológico do livro de João bem como o capítulo dezessete verso três, onde as palavras de Cristo são de importância para a análise do tema, enquanto que o capítulo três detém-se na aplicabilidade dos atributos de Deus em Cristo.

Entende-se com este trabalho, que o assunto sobre a divindade de Cristo é remoto ao inicio da igreja Cristã primitiva e que os pais da igreja por terem predisposições da filosofia grega chegaram às conclusões que até o momento eram abafadas por tais ensinamentos, assim por estarem em meio a um sincretismo religioso o tema não foi concluído e explicado como deveria.

Outro aspecto importante do estudo foi acerca da Divindade de Cristo em João 17:3. É claro e notório ao valer-se das palavras ditas por Cristo em sua oração sacerdotal (***dzoé aionios, ginoskosin, monon*** e ***aposteilas***), o mesmo não se exclui da Divindade com o Pai, pode-se concluir a luz do contexto imediato o significado das mesmas, elas testificam de um Deus-homem que sabia o que estava dizendo e João foi consistente no uso do veículo grego tendo como pano de fundo o conceito judaico. Igualmente, é a forma com que os atributos de Deus Pai estavam em conexão com as de seu Filho Jesus Cristo(Vida, Pessoalidade, Existência Própria, Imutabilidade, Unidade, Verdade, Amor e Santidade), mostrando que ambos possuem a mesma natureza ontológica. Palavras analisadas separadamente mostram o quão importante é estudar a luz do contexto Bíblico.

Não foi do interesse deste trabalho esgotar em nenhum momento seu assunto, o que pretendemos foi uma breve análise histórica, temática e bíblica a cerca da Divindade de Jesus, portanto concluímos que, Jesus é Deus, igual ao Pai em essência, poder e Glória.

BIBLIOGRAFIA

ALAND, K. **The New Greek New Testament**., Stuttgart: Deutsche Bilelgesellschaft, 1998.

ANDERS, Max., **Defesa da fé,** São Paulo/SP: Vida, 2001.

BROWN, Colin e COENEN, Lothar., **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**, São Paulo/ SP: Vida Nova, 2000.

BROWN, Raymond E., **The Gospel Acoording To John**, New York/ NY: The Archor Bible, Vol. 29, 1970.

BRUCE, F. F., **Serie cultura Bíblica**, comentário de João, São Paulo/SP: Vida Nova, 1999.

CAIRNS,Earle E., **O cristianismo através dos séculos**, São Paulo/SP: Vida Nova, 2007.

CHAMPLIN, Russel Norman., **O Novo Testamento Interpretado**, São Paulo/SP: Hagnos, 2002, Vol. 2.

DODD, Charles H., **A Interpretação do Quarto evangelho**, São Paulo/SP: Hagnos, 2003.

EARLE, Ralph., **The Wesleyan Bible Commentary**, Grand Rapids/ Michigan: Willian B. EErd,mans Publishing Company. 1964, Vol. 4.

ERICKSON, Millard J., **Cristian Theology**, Grand Rapids/ Michigan: Baker Book House, 1991.

FINNEY, Charles., **Teologia Sistemática**, Rio de Janeiro/RJ: Casa Publicadora Assembléia Deus, 2001.

GRUDEM, Wayne., **Manual de Teologia Sistemática**, São Paulo/SP: Vida, 1999.

HARRYS, Ralph W., **The Complete Biblical library**, Springfild/ Missori: Thoralf Gilbrant, 1988, Vol. 5.

HENDRIKSEN, Willian., **New Testament Commentary John**, Grand Rapids/ Michigan: Baker Book House, 2004.

HODGE, Charles., **Teologia Sistemática**, São Paulo/SP: Hagnos, 2001.

HOVEY, Alvah., **Comentário sobre El Evangelio de Juan**, Texas/EUA: Casa Bautista de Publicaciones,1995.

HUBBARD, David A. BARKER., Glenn W. **Word Biblical Commentary John**, Waco/Texas: Word Books, Publisher, 1987 vol. 36.

JEREMIAS, Joachim., **A Mensagem Central do Novo Testamento**, Santo André/SP: Academia Cristã, 2005.

JEREMIAS, Joachim., **Teologia do Novo Testamento**, Santo André/SP: Academia Cristã, 2004.

LADD, George Eldon., **Teologia do Novo Testamento**, Sao Paulo/SP: Hagnos, 2003.

MAYFIELD, Joseph H., **Beacon Bible Commentary**,. Kansas/ Missori: Beacon Hill Press,1965 Vol. 7.

MICHELS, Ramsey J., **Novo Comentario Bíblico Contemporâneo de João**, São Paulo/ SP: Editora Vida, 1994.

MORRIS, Leon., **Expository reflections on the Gospel of John**, Grand Rapids/Michigan: Baker Book House, 1991.

NICHOl, Francis D., **Comentário Bíblico Adventista Del Septimo Dia**, Boise/ EUA: Pacific Press Publishing Association, 1987, Vol 5.

OLSON, Roger., **História da teologia Cristã**, São Paulo/SP: Vida, 2001.

OSCAR, Cullman., **Cristologia do Novo Testamento**, São Paulo/SP: Editora Líber, 2001.

PAROSCHI, Wilson., **Incarnation and Covenant in the Prologue to the Gospel (John 1:1-8)** A dissertation for the degree of Ph.D Andrews University. 2003

REIS, Emilson dos., **Introdução geral a bíblia**, Engenheiro Coelho/SP: UNASPRESS, 2001.

RYLE, J.C., **Comentario Expositivo do Evangelho Segundo João**, São Paulo/SP: Imprensa Metodista, 1957.

RODOR, Amim Americo e TIMM, Alberto Ronald., **Parousia - A trindade nas escrituras,** Engenheiro Coelho/SP: Unaspress, 2º semestre de 2005.

SCHIPPER, Liana Pérola., **Depois de Jesus, o triunfo do Cristianismo**, Rio de Janeiro/RJ: Reader's Digest Brasil Ltda, 1999.

SHREINER, J.e DAUTZENBERG G., **Forma e Exigências do Novo Testamento**, São Paulo/SP: Editora Teológica, 2004.

STOTT, John., **A Cruz de Cristo**, São Paulo/SP: Editora Vida, 2004.

STROBEL, Lee., **Em Defesa da fé**, São Paulo/SP: Vida, 2002.

STROBEL, Lee., **Em Defesa de Cristo**, São Paulo/SP: Vida, 2001.

STRONG, Augustus Hopkins., **Teologia sistemática**, São Paulo/SP: Hagnos, 2002, Vol. 1.

STRONG, Augustus Hopkins., **Teologia sistemática,** São Paulo/SP: Hagnos, 2003.

TASKER, R.V.C., **Tyndale, New Testament Commentaries John**, Grand Rapids/ Michigan: EErdmans Publishing Company, 1995.

TAYLOR, Willian Carey., **Evangelho Segundo João**, Rio de Janeiro/RJ: Casa Publicadora Batista, 1959.

TORRE DE VIGIA,. **Adore o único Deus verdadeiro**, Cesário lage/SP: Associação torre de vigia, 2002.

TORRE DE VIGIA,.**Conhecimento que conduz a vida eterna**, Cesário lage/SP: Associação torre de vigia, 1995.

VELOSO, Mario., **Comentário do Evangelho de João**, Santo André/Sp: Casa Publicadora Brasileira,1984.

WHIDDEN, MOON e REEVE., **A Trindade**, Tatui/ SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

WHITE, Ellen G., **O Desejado de Todas as Nações**, Tatuí/SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996.

WHITE, Ellen G., **O Grande Conflito**, Tatuí/SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996.
Zondervan Publishing House, 1981. Vol. 9.